

# PARA A GLÓRIA...

Raul Pilla

CONCEDAMOS que o sr. Juscelino Kubitschek fôsse um grande estadista, como o dizem os áulicos dos paços republicanos, e que verdadeiramente incomparável se afigurasse o seu governo. Imaginemos que, em vez de ter recebido o país já em fase de promissora restauração moral e material, o tivesse êle tomado em situação de última ruína e dela o tivesse arrancado por seu saber, firmeza e patriotismo. Muito reconhecido lhe haveria de ficar o país. Ao deixar o governo, findo o seu mandato, receberia êle excepcionais homenagens dos seus concidadãos. E mais tarde, quando já não fôsse impudor aceitar o que geralmente só aos grandes mortos se concede, e se pudesse pensar que, pelos contemporâneos, começava já a falar a posteridade, poderia êle ter, embora vivo, o seu precóce monumento consagrador: «Ao Presidente Juscelino Kubitschek, a Pátria agradecida».

Tudo isto pode facilmente imaginar-se, e tanto mais facilmente, quanto mais opressiva é a realidade. A coisa não é assim — pensar-se-á — mas bom seria que fôsse...

Entretanto, se o fôsse realmente, se o sr. Juscelino Kubitschek demonstrasse ser o governante que imagina e os áulicos inculcam, tôdas as homenagens lhe poderia prestar o país, menos uma: a reeleição. Por que não? Se o governante é bom, disposto se acha a um continuado sacrifício pela comunidade e o povo o aceita, como não o reconduzir?

Pergunta muito mais velhaca, do que ingénua. Implica ela que, concedido seja o sr. Juscelino Kubitschek um grande governante, nenhum outro homem tem êste país capaz de

governá-lo. Não teve escola, e não fez escola. Êle, e somente êle: êle, o homem único e providencial.

Ora, não há mais perigoso regime do que êste, do homem providencial. Começa por ser a negação da democracia. Esta requer guias, condutores, mas exclui o comando continuado de um homem só. Por mais que possa valer um governo, muito mais vale o regime em que êle se funda. O sr. Juscelino Kubitschek poderá prestar grandes serviços em sucessivo

mandato: concedamo-lo. Mas, por maiores que pudessem ser, não compensariam a deterioração do regime. Não é sem razão forte e profunda que as nossas constituições republicanas têm constantemente proibido a reeleição do titular do poder executivo; e não foi por nada que o Rio Grande do Sul, único Estado em que se permitia e praticava a reeleição do então chamado presidente, foi abalado por duas sangrentas revoluções. No sistema presidencial, a reeleição é a consagração do poder pessoal e signífica ditadura.

Assim, ainda quando o sr. Juscelino Kubitschek fôsse um extraordinário estadista, não se justificaria a reforma da Constituição para que êle se reelegesse. Se não encontrasse meios e modos de continuar servindo o país, deveria gozar o repouso de alguns anos, que muito útil seria, se o levasse à meditação.

El, sendo êle o presidente que é? Quererão dar-lhe a glória de consumir a ruína, que êle, em verdade, não iniciou, mas está, mais do que ninguém, acelerando?